

# A FÉ SOB ESCOMBROS: ESBOÇO TEOLÓGICO CAMPONÊS PROTESTANTE PÓS-TRAGÉDIA EM VIEIRA

*UNDER RUBBLE :*

*PROTESTANT PEASANT POST-TRAGEDY THEOLOGICAL*

*OUTLINE IN VIEIRA*

EDSON FERNANDO DE ALMEIDA<sup>(\*)</sup>

FÁBIO PY<sup>(\*\*)</sup>

GUSTAVO CLAUDIANO MARTINS<sup>(\*\*\*)</sup>

## RESUMO

Neste artigo busca-se perceber as respostas e matrizes teológicas que brotam diante dos desastres ocorridos no Brasil; mais especificamente, diante das tragédias ocasionadas pelas chuvas em Teresópolis, região serrana do Rio de Janeiro, em janeiro de 2011. A partir de um relato oral de uma moradora chave, protestante, problematiza-se a teologia por meio das expressões religiosas dos camponeses e de suas religiosidades plurais e fragmentadas, que, após a tragédia, visam reconstruir a vida no distrito de Vieira. O artigo traz um olhar sobre a geografia do local e aspectos históricos da região, a fim de clarear para o leitor sobre a realidade do fenômeno natural, bem como dar melhor percepção sobre as interpretações das vítimas da tragédia.

**PALAVRAS-CHAVES:** Vieira. Tragédia. Camponeses. História oral e matrizes teológicas.

## ABSTRACT

*In this article we seek to understand the answers and theological matrices that arise before the disasters in Brazil; more specifically, given the tragedies caused by rains in Teresopolis, highland area of Rio de Janeiro, which occurred in January 2011. From an oral report, a resident, Protestant, problematizes the theology of religious expressions by peasants, and their plural and fragmented religiousness, which, after the tragedy, aim to reconstruct life in the district of Vieira. The article provides a look at the geography of the place and historical aspects of the region in order to lighten the reader about the reality of natural phenomenon, to give better insight into the interpretations of the victims of the tragedy.*

**KEYWORDS:** Vieira. Tragedy. Peasants. Oral History and theological roots.

## INTRODUÇÃO

(\*) Doutor em Teologia pela PUC-RJ. Membro do grupo *Apophatiké* – Estudos Transdisciplinares em Mística (UFF/CNPq) e de Mística Comparada (UFJF-CNPq). Pastor da Igreja Cristã de Ipanema (ICI). **Email:** edsonfernandodealmeida@gmail.com.

(\*\*) Doutor em Teologia PUC-RJ com doutorado sanduíche pelo PSDE-CAPES no *Ecole des Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS-Paris). Professor de história e filosofia da física na UERJ. Membro do grupo Núcleo de Estudos dos Protestantismos e de suas Teologias (NEPROTES-UFJF/CNPq) e coordenador do grupo Arte, Filosofia, e Religião no Pensamento Místico Judaico (UEPA/CNPq) e do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES-UNIFAI/CNPq). **Email:** pymurta@gmail.com.

(\*\*\*) Bacharel em Teologia e Engenharia de Petróleo, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES, membro do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES-UNIFAI/CNPq). **Email:** jvgustavo@hotmail.com.

Há necessidade, no âmbito das ciências, de refletir sobre as tragédias naturais, principalmente a partir da Física e da Geografia Física. Ainda mais porque na última década ocorreram uma centena de enchentes, enxurradas, deslizamentos, trombas d'água, vendavais e todos os tipos de fenômenos naturais no Brasil, carregando um sem número de óbitos/vítimas. Na verdade, se aguarda mais do que simples reflexão sobre os fenômenos físicos: espera-se que se invista em prevenção e apoio às comunidades vitimadas.

Neste trabalho, busca-se perceber o pós-desastre por meio da reflexão feita pelas comunidades sobre a reconstrução/ produção da memória passando pela disputa das expressões no presente a partir do labor místico cotidiano (Pollack, 1989, p.3-15; Py, 2013, 1-2). Para isso, se escolheu um desastre símbolo no Rio de Janeiro: a tragédia ocorrida em 11 de janeiro de 2011, quando a região serrana foi consumada pela enxurrada d' água. O *locus* geográfico da pesquisa é um distrito do município de Teresópolis, chamado Vieira, assoreado no acidente. A metodologia é qualitativa, o *corpus* se constituiu por meio de uma entrevista semiestruturada, gravada em áudio, realizada dois anos após a tragédia. Destacou-se essa entrevista pela importância da senhora entre as vítimas, além de sintetizar os dados espalhados nas demais entrevistas coletadas. Nela, se focará as expressões teológicas que indicam como os sobreviventes perceberam o evento. Antes da análise propriamente dita, tornou-se necessária a estruturação do artigo da seguinte forma: primeiro será feito o reconhecimento físico de Teresópolis - município propício a tragédias desde sua formação e, segundo, já por meio das entrevistas, será apontada a mística teológica que 'grita' entre os escombros de Vieira.

#### HISTÓRIA E GEOGRAFIA FÍSICA DE TERESÓPOLIS

Teresópolis possui relevo acidentado, com escarpas íngremes, os morros são cobertos por matas secundárias, enquanto as várzeas que os entrecortam possuem vegetação rasteira. As matas presentes nos morros permitem a formação de uma camada de húmus, mas os desmatamentos para fins agrícolas estão desprotegendo esse solo, causando o seu desaparecimento. Em períodos de chuvas, enxurradas descem das montanhas trazendo os sais solúveis e fertilizando os vales, tornando-os o centro do cultivo durante todo o ano.

O solo de Teresópolis é cortado por diversos rios e córregos, que o tornam mais fértil: Paquequer, Quebra-Frascos, Imbuí, Santa Rita, Bengala, Rio Grande, Sebastiana, Formiga, Córrego Sujo e Serra do Capim, todos tributários

do Rio Preto; em outras palavras, todos eles se lançam nas águas do Rio Preto. Alguns desses rios atravessam a fase inicial<sup>1</sup> de seu ciclo vital, provocando, por vezes, grandes enchentes (GOLLARTE, 1966, p.31).

Além do problema acima citado, o município de Teresópolis possui outros problemas ambientais: erosão do solo, processo de desmatamento, refúgios de flora e fauna ameaçados, ocupação de encostas, inundações, resíduos sólidos e deslizamentos, deficiência de sistemas de esgotamento sanitário, degradação de áreas de preservação, precárias condições de vida, uso de agrotóxicos, favelização, sub-habitação, loteamento em áreas frágeis, mineração, deficiência de cobertura arbórea, vetores, risco de acidentes, poluição das águas e do ar, assoreamento e aterro de corpos d'água (GOLLARTE, 1966, p.34).

Teresópolis possui ainda clima ameno; e, entre dezembro e abril, recebe uma quantidade significativa de chuvas. Em Janeiro de 2013, a cidade foi recordista no país nesse quesito, acumulando, aproximadamente, 730 mm de volume de chuva (GOLLARTE, 1966, p.38).

Por meio dos dados do IBGE, pode-se perceber que a população do município de Teresópolis cresceu 376% no período de 1950-2010, valor bem maior que a porcentagem de crescimento populacional do Brasil no mesmo período (267%). Assim, a densidade demográfica de Teresópolis passou de 41 hab./km<sup>2</sup> em 1950 para 212 hab./km<sup>2</sup> em 2010, com média de crescimento de 21.000 habitantes por década. As comunidades rurais se estabelecem à beira dos rios, aproveitando as águas para irrigação de suas plantações; geralmente, são famílias pouco providas que vivem da agricultura familiar e produzem somente para garantir o seu sustento, não possuindo nenhum capital para investir no seu negócio (GOLLARTE, 1966, p.394). Nas décadas de 50 e 60, Teresópolis teve um crescimento muito expressivo, provocando em 1965 um *boom* imobiliário na cidade, que ganhou novos loteamentos (Oscar, 1991, p.31). Devido a isso, surgiram os bairros periféricos, como explica Paulo Gollarte:

Os bairros periféricos se originam de construção de casas sem maior ordem, por razões de contingência imediata. Seus moradores em parte foram expulsos do centro urbano, onde o adensamento da população provocou a alta dos aluguéis; por outro lado, nem sempre é possível encontrar algum terreno disponível para aquisição, uma vez que os existentes se mantêm baldios, aguardando a especulação imobiliária. Só restam, então, os situados nas encostas das colinas

<sup>1</sup> De acordo com a divisão dada pelo geógrafo Morrison Davis, “caracterizada pela impetuosidade da corrente e pelo rápido escoamento do leito das vertentes, com a presença de quedas d'água e de gargantas estreitas e com o fenômeno das capturas (desvio natural das águas de uma bacia hidrográfica para outra)” (Gollarte, 1966, p. 31).

em lugares dificilmente acessíveis e muito prejudicados pelas chuvas. A abertura de estradas possibilitou o aparecimento de núcleos residenciais às suas margens, mesmo porque pode-se contar com transportes públicos até o centro. A fixação de um grande contingente de pessoas provindas do campo, como é claramente exposto no aspecto demográfico, avolumou a população periférica. Um fato que concorreu sobremaneira para a formação de uma constelação residencial nas adjacências da cidade propriamente dita foi o loteamento de grandes propriedades (GOLLARTE, 1966, p. 453).

Esses fatores levaram Teresópolis a se tornar a segunda cidade com maior proporção de população vivendo em favelas, cerca de 30 mil moradores (Pereira, 2011) ou o equivalente a 25% da população. O constante crescimento e, conseqüentemente, a falta de moradia, faz com que ocorra o processo de verticalização de moradia, no qual casas são destruídas para a construção de prédios; logo, é necessária a melhoria na infraestrutura da região, uma vez que o que se tem visto é a redução da permeabilidade do solo e o aumento da circulação de veículos que acarretam mudanças na temperatura local devido à formação de ilha de calor - em função da redução das áreas verdes e do excesso de asfalto e concreto (Pereira, 2011); fato este que corrobora para o aumento das chuvas e alagamentos. O historiador João Oscar, por exemplo, relata dez casos de fenômenos naturais (enchentes e deslizamentos) que provocaram perdas desde 1920; mostrando que esses tipos de fenômenos não são novidades na localidade. As enchentes eram tão constantes que, em 1938 e em 1953 (OSCAR, 1996, p.42-496), foram feitas obras para retificação de trechos do rio para desviar o seu curso e um túnel em 1984, para escoar as águas do rio Paquequer, a fim de evitar as enchentes na cidade.

Ainda assim, nenhuma das enchentes antes registradas se compara à que aconteceu na madrugada do dia 12 de janeiro de 2011. Segundo os jornais<sup>2</sup>, foi a maior tragédia ambiental ocorrida no Brasil em todos os tempos, afetando sete municípios da Região Serrana do Rio de Janeiro. Segundo dados da Secretaria do Estado da Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, foram constatados: 904 mortos (381 em Teresópolis), 395 desaparecidos (213 em Teresópolis), 20.996 desalojados (6.210 em Teresópolis) e 8.814 desabrigados (5.058 em Teresópolis) (Pereira, 2011, p.1).

<sup>2</sup> Exame.com. *Tragédia já é o maior desastre natural da história do Brasil*. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/tragedia-ja-e-o-maior-desastre-natural-da-historia-do-brasil>>. Acesso em: 26/04/2014; Memória Globo. *Chuvas na Região Serrana (RJ)*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/chuvas-na-regiao-serrana-rj/o-maior-desastre-natural-brasileiro.htm>>. Acesso em: 26/04/2014

A quantidade de chuvas que caíram sobre os municípios não era possível de ser evitada; entretanto, o que transformou as chuvas em tragédia, com tantas perdas de vidas, perpassa a morfologia da região; nesse caso há uma falta de: um eficaz e eficiente sistema de monitoramento, um sistema de alerta, treinamento sobre como agir em situações de eventos naturais extremos e planejamento no uso e ocupação do solo (Oscar, 1996, p.1-5).

#### A TEOLOGIA NO SOLO SERRANO

Desde a sua colonização, Teresópolis é marcada fortemente pela religiosidade; se por um lado os colonizadores portugueses trouxeram o catolicismo, os imigrantes de outros países trouxeram o protestantismo, como registra Roberto Féo (2010) e recentemente Rossana Britto e Fábio Py (BRITTO e PY, 2014, p.1977-1996). As ações dos católicos estavam concentradas no centro, devido ao clero ser escasso. Os protestantes, por sua vez, penetraram o meio rural, visitando o povo do campo, que raramente era visitado pelo sacerdote católico, e distribuindo bíblias (Gollarte, 1966, p.297). Desde então, o município é marcado por uma diversidade religiosa, explicada pelo frei Paulo Gollarte:

Sob o aspecto religioso, difere Teresópolis das cidades seculares afloradas à sombra das igrejas. Sua origem já foi marcada pelo pluralismo religioso. Destituída de festas tradicionais, foi emprestar de Portugal as comemorações em honra a Nossa senhora da Saúde, conservando do peculiar a homenagem a Santa Teresa, padroeira do município. As classes tradicionais de sangue mineiro nas veias confessam ser católicas por fidelidade aos antepassados. As massas camponesas variam na sua fidelidade ao catolicismo desde as crenças até o sincretismo religioso. Por influência do setor humano, ausência de suficiente assistência religiosa do clero, vão aderindo à religião da prática mais acessível, congregam-se nas denominações protestantes. Nas novas massas populares oriundas dos movimentos de imigração da zona rural para a urbana é que o protestantismo vem conquistando maior número de prosélitos, oferecendo-lhes um meio de integração no ambiente social citadino, mediante reunião de pequenas comunidades. As classes renovadoras, dotadas de maior cultura incompatível com a cultura tradicional, constituída de membros de profissões liberais, professores, doutores e estudantes, acham-se sob o impacto das influências filosóficas da época, são respeitosa, ou atrevidamente, às vezes, indiferentes à Igreja. Canalizam a religiosidade para o chamado espiritualismo, um vago de espiritismo com sabor filosófico e elementos do cristianismo, ou convertem-na em humanismo e filantropia (GOLLARTE, 1966, p. 489).

O próprio frei Paulo Gollarte (1966, p. 400) diz ser um ponto extremamente positivo a atmosfera da diversidade religiosa reinante no município, fator que pode ser observado nos registros históricos em que cristãos protestantes eram padrinhos de vários batizados realizados por padres. Além disso, os protestantes de imigração registravam nascimento, mortes e

casamentos na igreja de Santo Antônio de Paquequer (FÉO, 2010, p.153-243). Quando havia a missão, os fiéis iam, mas nos outros domingos os fiéis iam à “missa dos crentes” (GOLLARTE, 1966, p.446). As reuniões periódicas dos protestantes acabam sendo um atrativo para quem pouco via o sacerdote, além de contribuírem para a desintegração de práticas mágicas com escopos protetivos e despertarem o gosto dos católicos para as Sagradas Escrituras (GOLLARTE, 1966, p.493).

#### DO FENÔMENO NATURAL À TRAGÉDIA

Como visto no presente trabalho, o município de Teresópolis não possui uma geografia muito propícia para habitação – além do relevo acidentado com escarpas íngremes, os vales são alvo das enchentes dos rios ou de deslizamentos e a grande quantidade de chuvas provoca alagamentos nas poucas regiões planas. O tipo de colonização favoreceu o processo de construção de habitações próximas aos rios, em função das famílias em zona rural viverem da agricultura e utilizarem a água dos rios. Enquanto o centro da cidade permanecia nas mãos de poucos, que esperavam a especulação imobiliária, as classes pobres migraram para as periferias, construindo suas casas nas regiões com maior ocorrência de deslizamentos. O *boom* habitacional, fez com que estas regiões periféricas se verticalizassem, surgindo assim as favelas na cidade de Teresópolis.

Enfim, a história e a geografia mostram de forma clara que os fenômenos naturais são comuns nessa região, apesar do agravamento das condições do solo a partir da intervenção do homem. Todavia, os desastres naturais<sup>3</sup> aconteceram, e pode ser que continuem acontecendo em Teresópolis, devido à falta de planejamento habitacional, à construção de moradias em zonas de risco e à falta de medidas preventivas<sup>4</sup>. Diante dessas circunstâncias e refletindo sobre o passado religioso da cidade, faz-se necessário entender como os moradores dessa região, que não possuem acesso à maioria das informações aqui apresentadas, percebem a tragédia que os acometeu e quais ligações fazem em relação à deidade.

Em vista disso, foram entrevistadas algumas mulheres, moradoras de Vieira, bairro de Teresópolis. São pessoas que perderam amigos, parentes ou

<sup>3</sup> Os fenômenos naturais são causados pelo impacto de um fenômeno natural de grande intensidade sobre uma área ou região povoada, podendo ou não ser agravado pelas atividades antrópicas.

<sup>4</sup> Onde são adotadas medidas para reduzir o impacto dos desastres, como as análises de risco, a execução de projetos de engenharia, a elaboração de políticas públicas, a educação ambiental em escolas e comunidades afetadas e os sistemas de previsão meteorológica e hidrológica e de alerta.

bens, que vivenciaram a tragédia, pessoas de pouca renda, ligadas de alguma forma à agricultura familiar, e que são fiéis de alguma denominação religiosa cristã, seja ela católica, protestante histórica ou pentecostal. Como não seria possível desenvolver este texto a partir de todas as entrevistas realizadas, escolhemos as respostas da P.C.D – uma protestante histórica, de 42 anos de idade, casada, mãe de duas filhas, agricultora que não chegou a terminar o ensino fundamental – que sintetiza o pensamento religioso da comunidade, pois, apesar da religiosidade plural aqui descrita, o passado ecumênico é matriz para todos esses grupos (GOLLARTE, 1966, p. 490), como foi anteriormente observado.

Seguem, portanto, trechos da entrevista:

**Pergunta (P):** Como você veio morar em Vieira? E a sua Família?

**P.C.D.:** Meus pais eram de lá para o lado dos Frades, depois eles se mudaram para o Cruzeiro, a gente morava lá, mas trabalhava aqui, eu trabalhava com ele, na lavoura, e hoje continuo trabalhando na lavoura.

**P:** Onde você estava no dia da catástrofe?

**P.C.D.:** Estava nesta casa do lado (bairro de Vieira, Teresópolis).

**P:** Você perdeu alguma coisa material?

**P.C.D.:** Perdi minha casa, algumas coisas na lavoura, as coisas de molhar, cano, muitos materiais que a gente tinha comprado também para tratar, porque janeiro é época da gente plantar. A gente tinha material comprado, sementes estas coisas pra semear... É, foi isso.

**P:** E familiares?

**P.C.D.:** Ah... Parente já foi mais doloroso, é... Parentes foram... Quatro mais Luiz... Seis. Seis pessoas aqui de Vieira. Minhas sobrinhas, meu sogro e minha cunhada. No caso, meus três sobrinhos, minha cunhada, e meu sogro e Luiz.

**P:** Você acredita em Deus?

**P.C.D.:** Creio.

**P:** Frequenta alguma igreja?

**P.C.D.:** Igreja Batista.

**P:** Há quanto tempo?

**P.C.D.:** Oh. 8 anos, vai fazer 8 anos agora em julho.

**P:** Sobre a questão da chuva, da natureza, você crê que é Deus quem controla todas as coisas?

**P.C.D.:** Eu acho que é. Acho que é Deus sim, porque às vezes vem um... Assim uma... Às vezes, até uma tempestade muito forte, quando a gente clama ao Senhor, o Senhor... Sabe, ouve o nosso clamor, e já a catástrofe não era uma coisa que nós estávamos assim... Ninguém estava esperando por isso, mas a chuva eu acho que deve ser assim.

**P:** Você acha que na questão da catástrofe foi Deus?

**P.C.D.:** Acho que Deus permitiu que isso acontecesse, eu acho. Porque na catástrofe pra você vê, foram pessoas que têm dinheiro, pessoas que não têm, outros por às vezes conseguir sair de uma casa, outros já ficaram na casa... Que nem lá no Júnior, Júnior estava na mesma casa, a família foi e ele ficou. Acho que a resposta só em Deus, só em Deus, a resposta só em Deus.

**P:** Por que Ele permitiu que isso acontecesse?

**P.C.D.:** Por quê? Não consigo explicar, por que Deus sabe todas as coisas, mas eu não consigo explicar por que Ele permitiu.

**P:** Mas você acha que Ele poderia ter impedido isso?

**P.C.D.:** Ele pode, Deus tem poder para impedir.

**P:** Sobre a questão da catástrofe, você conhece alguém que se salvou de alguma forma milagrosa?

**P.C.D.:** Tem minha sogra ué, ela estava junto com meu sogro na enchente, quer dizer foi um milagre, que ela ficou agarrada naquele... Numa vara, num toco, foi um milagre ela ter escapado, pelo que tudo que ela passou, pelas águas, o cabelo dela... você vê que ela ficou sem uma peça de roupa, a água levou as roupas íntimas dela, ela só ficou com uma camiseta, o cabelo dela ficou tão cheio de lama que levou tempo para sair, você vê que ela morou comigo quatro meses ainda tinha aquelas coisas, aquelas poucas, mais ainda tinha, o cabelo dela ficou muito lameado, foi um milagre.

**P:** Conhece outras histórias?

**P.C.D.:** Olha, a Inaura também, mora aqui tão pertinho. A casa dela caiu, ficou presa embaixo daqueles escombros, saiu machucada ela e a filha dela, foi um milagre de Deus.

**P:** Você acha que foi Deus que poupou a vida dessas pessoas?

**P.C.D.:** Acho, sabe por quê? Por que Deus não é o dono da vida? Ele sabe o momento certo e a hora certa, porque se nós soubéssemos a hora de nós morreremos, nós estávamos tudo louco. Não estaríamos? Acho que Deus sabe todas as coisas.

**P:** Por que você acha que Deus poupou algumas pessoas e outras não?

**P.C.D.:** Por quê? Olha não sei te explicar o porquê... Não sei explicar.

**P:** O que você pensou em relação a Deus na época da catástrofe? Qual foi o seu sentimento?

**P.C.D.:** Deus foi um... Como se diz, o principal, porque o que nós passamos se nós não tivéssemos Jesus, nós não tínhamos como vencer, nós tínhamos entrado em depressão, acho que a gente tinha ficado até louco. Porque a gente estava trabalhando, no decorrer dos outros dias, chegava uma pessoa e falava, “ah encontrou uma pessoa”, a gente largava tudo e ia correndo, chegava lá e não era, não era os parentes da gente, e no dia que a gente também estava lá no cemitério enterrando a Tainá, minha sobrinha de 12 anos, aquele caminhão cheio de caixão, chovendo, a máquina fazendo buraco pra botar as pessoas. Gritavam, que tinha que sair correndo no meio daquela lama, pra saber onde é que estava a pessoa. Acho que Deus foi o principal na nossa vida, porque aí naquele desespero, não sabia quem... Onde estava, tinha que correr pra chegar naquele buraco, onde estava marcado, que não sabia onde as pessoas iam ser enterradas. Deus foi o principal na nossa vida.

**P:** Em momento nenhum você ficou com raiva ou frustrada com Deus?

**P.C.D.:** Não, não fiquei não, não fiquei mesmo, de coração, não fiquei.

**P:** Mas conhece alguém que tenha tido esse sentimento?

**P.C.D.:** Muitas pessoas, eu vi até alguns parentes blasfemarem contra Deus. Mas só que aí até no dia da chuva, deu uma reunião no meio da rua falei pra eles que não era assim, que a gente tem que ser mais humano um com o outro.

**P:** Blasfemaram em que sentido?

**P.C.D.:** Questionar de Deus, porque Deus não fez. Quem somos nós para questionar? Eu entendo isso. Muitas pessoas questionaram, outras pessoas disseram que, quando veio isso aí... acho que é até o medo das pessoas... Porque quando veio essa enchente, que vinha coisas do mal junto. Entende? Aí eu acho que as pessoas... No dia as pessoas falaram tudo, que não aceitaram o porquê. Muitos com saudades das pessoas que viram pela última vez. Igual Bebel minha prima, no início ela ficava perguntando “por quê? Por quê?” aí um dia eu falei com ela “Bebel a resposta só em Deus, nós vamos ter a resposta”. Aí um dia ela estava tão transtornada que me chamou pra andar dentro do rio, a gente entrou dentro desse rio e começou a andar, tudo que

ela achava... Achou um pedaço de coberta, achou que era o sobrinho dela, falei “Bebel não é”, achou um vestido, “ah é da minha cunhada”, falei “Bebel não é, não é dela”, que eu convivia mais com ela que Bebel. Aí um dia eu falei pra Bebel, “Bebel a gente tem que pedir primeiro a direção de Deus”, aí ela veio pra debaixo da árvore perto da casa dela, depois de muitos dias procurar, o irmão dela, aí ela falou “Senhor sei que num cai uma folha dessa árvore se o Senhor não permitir, mas Senhor, me ajuda que eu consiga encontrar meu irmão, achar, saber onde ele tá” eu acredito nisso, ela falou que a folha da árvore caiu, ela falou que aquele momento ali ela já começou a pensar diferente, quando foi no outro dia eles ligaram para ela, que tinha um corpo lá fora que parecia ser o irmão dela, ela correu lá atrás, enfrentou uma fila, atrás de documento, era o irmão dela, então Deus... Só pedir que Deus ajuda. E nesse dia ela falou comigo, “P. eu estava desesperada” acho que de tanto eu falar pra ela, “Deus é bom, vamos achar ele”, que já tinha achado todo mundo, só ficou ele, da família, só ficou ele pra ser encontrado. Até ali perto da casa dela. A folha da árvore realmente caiu, aí ela falou que “Deus falando que, ainda tem tempo, não é?! D’Ele provar o amor d’Ele, não é?”. Aí no outro dia eles ligaram para ela, que tinha achado o Luiz. Então, são vários... Eu penso de um jeito, ela já pensa de outro, a respeito de Deus, os ímpios pensam de outro jeito completamente diferente.

#### PENSAMENTO TEOLÓGICO SOBRE A PIEDADE NAS LENTES DA TRAGÉDIA DE VIEIRA

Uma vez explicitados alguns aspectos geográficos e sociais de Vieira e após o relato apresentado, serão descritas as expressões teológicas encontradas no testemunho supracitado. Para tanto, dois elementos presentes nos relatos, que não podem ser desassociados diante de sua produção social, foram separados: *Teodiceia*, a *Antropodiceia* e a *presença de Deus*, que serão descritos e relacionados à mística cotidiana de Vieira.

#### TEODICEIA

A clássica proposição de Epicuro está totalmente ligada com a questão da tragédia natural, como mostra o fiel religioso.

Ou Deus quer eliminar o mal do mundo, mas não pode; ou pode, mas não quer fazê-lo; ou não pode nem quer fazê-lo; ou pode e quer eliminá-lo. Se quer e não pode, é impotente; se pode e não quer, não nos ama; se não quer nem pode, além de não ser um Deus bondoso, é impotente; se pode e quer – e esta é a única alternativa que, como Deus, lhe diz respeito –, de onde vem, então, o mal real e por que não o elimina de uma vez por todas? (MARIA; SOARES, 2003, p. 13).

Quando questionada sobre o pensamento da comunidade em relação a Deus e à tragédia, as respostas ouvidas da P.C.D foram: “Questionar de Deus, porque Deus não fez. Quem somos nós para questionar? Eu entendo isso.

Muitas pessoas questionaram, outras pessoas disseram que, quando veio isso aí... acho que é até o medo das pessoas. Porque quando veio essa enchente, que vinha coisas do mal junto. Entende? Aí eu acho que as pessoas... No dia as pessoas falaram tudo, que não aceitaram o porquê”, sobre Deus controlar a natureza ela respondeu, “Eu acho que é. Acho que é Deus sim”; todavia, sobre Deus provocar a catástrofe ela disse: “Acho que Deus permitiu que isso acontecesse, eu acho”; mas quando questionada sobre o porquê d’Ele ter permitido isso, obteve-se a seguinte resposta: “Por quê? Não consigo explicar, porque Deus sabe todas as coisas, mas eu não consigo explicar por que Ele permitiu”. Um misto de incertezas e confusões sobre as ações de Deus. De certa forma, essas dúvidas permeiam todas as respostas e conduzem a reflexão sobre a Teodiceia.

De acordo com Walter A. Elwell, a palavra Teodiceia deriva do termo theos, “Deus” e dike, “justiça”. O termo é usado para referir-se às diversas tentativas de justificar o relacionamento entre Deus e o ser humano (BINGEMER, 2008, p.230-248; ALMEIDA, 2006, p.45-56). Voltando à famosa frase de Epicuro já citada: a questão é conciliar o Deus todo-poderoso, todo-amoroso com a existência do mal. Pelos relatos de Jon Sobrino sobre os terremotos em El Salvador, pode-se obter uma linha de raciocínio parecido com o ocorrido na região Serrana. Para ele, “o terremoto não é, então, apenas uma tragédia. É também a radiografia do país. Os pobres formam a grande maioria dos que morrem, os pobres ficam soterrados” (SOBRINO, 2007, p.31); o terremoto revela a “iniquidade” de uma sociedade. Calcula-se que, se acontecesse na Suíça um terremoto com as mesmas dimensões sismológicas que ocasionou a morte de centenas de pessoas em El Salvador, o número de mortos seria apenas de cinco ou seis vítimas (SOBRINO, 2007, p.39).

A tragédia é, em grande parte, fruto da negligência do homem; apesar de suas causas serem naturais, seu impacto desigual se deve ao que as pessoas fazem umas com as outras, umas às outras, umas contra as outras. Percebe-se que as escolhas da modernidade têm a ver com injustiça: de forma maciça, cruel e duradoura. Nesse sentido, Sobrino escreve que, a cada quinze ou vinte anos, acontecem terremotos na área da América Central, contudo as tragédias pouco mobilizam os governantes e as comunidades internacionais na procura por medidas corretivas, uma vez que não se busca uma solução ou se constrói um projeto de prevenção ou abrandamento de catástrofes inevitáveis (SOBRINO, 2007, p.33-45). Como se pôde perceber, registros históricos mostrados neste trabalho relatam pelo menos dez catástrofes naturais ocorridas em Teresópolis

em menos de cem anos sem que se tomassem providências que mitigassem as consequências desses incidentes, salvo pequenas obras para retificação do trecho de um dos rios que corta o centro da cidade, onde vivem as famílias mais ricas. A constatação é de que:

Quando um município decreta, e tem reconhecido nos níveis superiores do Sistema Nacional de Defesa Civil (SINDEC), uma situação de emergência (s.e.) ou estado de calamidade Pública (e.c.p.), em última instância sinaliza a constatação da vulnerabilidade institucional, ou seja, uma incapacidade em lidar, preventiva ou preparativamente, com um evento ameaçante, o que, ao fim e ao cabo, engendra a materialização de danos ao cidadão ali inserido. Trata-se, assim, de um indicador de falha no cumprimento do contrato social relativo à organização e administração pública do espaço das relações econômicas e extra econômicas territorializadas, o que fere dimensões de confiança no ente público que, às duras penas, precisará repactuar a convivência dos sujeitos em bases mais precárias (VALENCIO, 2009, p.6).

E o que é pior, o que causa maior indignação é que parece natural que as coisas sejam assim, como se fosse algo inerente à ordem da natureza, não à ordem da história (SOBRINO, 2007, p.33).

#### ANTROPODICEIA

A tragédia na região serrana transfere os questionamentos feitos a Deus sobre sua atuação na catástrofe, à humanidade, haja vista que há semelhanças importantes entre a *teodiceia* e a *antropodiceia* (SOBRINO, 2007, p.37); se, por exemplo, no caso dos terremotos onde “*tecnicamente é possível construir moradias antissísmicas, se existem conhecimentos e recursos para construí-las, e não se constroem, é porque a humanidade não quer fazê-lo*”.(SOBRINO, 2007, p.37). Desse modo, seria simples dizer que a tragédia é um mal ético que em vez de perguntar onde estava Deus na catástrofe, pergunta onde estavam os humanos, a democracia capitalista, a globalização; ou seja: “*onde estava o homem?*”(SOBRINO, 2007, p.38). A *antropodiceia* e a *teodiceia* expõem dois agentes causadores da tragédia, na verdade, dois réus, Deus ou o homem, o que é explicitado no seguinte texto de Sobrino:

As catástrofes históricas, por serem fruto da vontade e da liberdade humanas, pareceram desculpar melhor Deus, quem – como um bem – respeita nossa liberdade, ainda que sempre fique a pergunta de por que um Deus, onipotente e onisciente, não pôde fazer um mundo e um ser humano nos quais a liberdade não produzisse tamanhas atrocidades. Mas os terremotos nos quais a liberdade

humana não oferece escapatória à responsabilidade de Deus: é a criação de Deus, com a anterioridade do exercício (pecaminoso) da liberdade humana, que provoca destruição, sofrimento e morte nos seres humanos. Por que Deus criou um mundo onde as placas da Terra movimentam-se causando destruição? (SOBRINO, 2007, p 61)

Entretanto, até mesmo diante dos fiéis, o problema do mal parece não estar resolvido; pelo contrário, causa confusão, como mostra a resposta da P.C.D: “*Por quê? Não consigo explicar, porque Deus sabe todas as coisas, mas eu não consigo explicar por que Ele permitiu*”. O sociólogo Jean-Pierre Dupuy também defende que é a vulnerabilidade social que transforma o fenômeno natural em catástrofe (DUPUY, 2013, p.3) – os moradores de Vieira, com pouco acesso à educação formal, não têm conhecimento dessas informações. Para explicar a *teodiceia*, o que se aplica também aos casos de tragédias decorrentes de fenômenos naturais, a historiadora Irinéia Maria diz:

A teodiceia funcionaria como um elemento a mais da ideologia religiosa, responsável pela alienação da realidade social das classes despossuídas. Os problemas “ideais” seriam decorrentes do processo de individualização da burguesia e pequena burguesia, de forma a legitimar suas posições sociais. Berger, leva em consideração essa função de legitimação das teodiceias, porém acrescenta ao processo de alienação, um sentido mais amplo, onde todo o mundo social aliena-se ao perder o sentido da origem humana da sociedade. Berger vê esse processo como inerente ao ser humano, que continuará a criar explicações que o possam livrar do medo da morte, ou, pelo menos justificá-la. (MARIA apud SANTOS, 2003. p.9)

#### A PRESENÇA DE DEUS

No relato da entrevistada, ela narra: “Ai um dia eu falei pra Bebel: ‘Bebel a gente tem que pedir primeiro a direção de Deus’, ai ela veio pra debaixo da árvore perto da casa dela, depois de muitos dias procurar o irmão dela, ai ela falou ‘Senhor sei que não cai uma folha dessa árvore se o Senhor não permitir, mas Senhor, me ajuda que eu consiga encontrar meu irmão, achar, saber onde ele tá’ eu acredito nisso, ela falou que a folha da árvore caiu, ela falou que naquele momento ali ela já começou a pensar diferente”. O cair da folha é um sinal da atuação e presença de Deus, que nestes casos, onde impera a confusão e o possível desordenamento da realidade construída pela vítima em relação ao fenômeno que perpassa a discussão entre teodiceia e antropodiceia, atua como ponto de apoio e segurança. Talvez isso possa ser melhor compreendido através de Eliade (2008, p. 31),

O sinal portador de significação religiosa introduz um elemento absoluto e põe fim à relatividade e à confusão. Qualquer coisa que não pertence a este mundo

manifestou-se de maneira apodítica, traçando desse modo uma orientação ou decidindo uma conduta.[...] Pedu-se um sinal para pôr fim à tensão provocada pela relatividade e à ansiedade alimentada pela desorientação, em suma, para encontrar um ponto de apoio absoluto.

A presença de Deus é manifesta, para a vítima, no cair da folha e funciona como elemento de construção de universo significativo, uma vez que, como visto, a imprecisão sobre os agentes causadores da tragédia são manifestos. A complexidade de pensar o fenômeno a partir destes opostos: teodiceia x antropodiceia, poderia causar ao indivíduo o rompimento de estruturas que dão sentido à sua vida e uma conseqüente anomia, ou seja, poderia perder os laços que o satisfazem emocionalmente, sua orientação na experiência e a ordem que dá sentido à sua existência. Contudo, a tragédia tem um sentido, talvez não um sentido racional cartesiano, mas um sentido da presença de Deus no sofrimento das vítimas, e é por isso que se pode ouvir das mesmas, *“Deus foi um... Como se diz, o principal, porque o que nós passamos se nós não tivéssemos Jesus, nós não tínhamos como vencer, nós tínhamos entrado em depressão, acho que a gente tinha ficado até louco”*.

#### CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Com o olhar um pouco mais detido ao relato da agricultora de Vieira, pode-se perceber que há uma memória resultante das composições que se conhecem como *teodiceia* e *antropodiceia*. A partir do trabalho foi possível exercitar uma metodologia da história oral qualitativa capaz de aprumar uma sensibilidade que capte uma teologia/religião nas expressões do tempo presente.

Por outro lado, o trabalho também se vincula à percepção da Teologia da Libertação Latino Americana, de Jon Sobrino(2007), preocupada com o composto teológico produzido mediante os desastres dos terremotos na América Central. A importância da entrevista se deu por conta do exercício sensível de uma teologia emergida no acidente geográfico, na qual não se reconhece habitualmente entre as paredes petrificadas da teologia oficial. Assim, a partir dos escombros, se reconhece um novo campo de esforços teológicos fruto das tensões do cotidiano, carregadores dos conceitos mencionados: *teodiceia* e *antropodiceia*. Portanto, a partir do relato da protestante da comunidade de Vieira, percebeu-se a *antropodiceia*, fator também explorado por Jon Sobrino entre os túmulos das tragédias de El Salvador – sinal que pode unir a complexidade do campo religioso violento do cotidiano moderno. E nesse

universo significativo emerge a percepção das vítimas da “presença” consoladora de Deus, manifesta em sinais que ignoram a incompreensão dos porquês do fenômeno natural.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. F. **Do viver apático ao viver simpático: morte e sofrimento**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

BINGEMER, M. C. L. O Deus desarmado: a Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 36, p.230-248, 2009.

BRITTO, R. e PY, F. Luteranos no Brasil Colônia. **Pistis&Praxis**, n.26, v.6, p.1077-1996, 2014.

DUPUY, J. P. Ainda há catástrofe naturais? **Revista Análise Social**. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218723769FoxBPove1Lf54HP1.pdf>>. Acesso em 10/10/2013.

ELIADE. Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, M. M. (org.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

GOLLARTE, P. **Teresópolis Dimensões de uma Joia**. Teresópolis: Lions Club de Teresópolis, 1966.

FÉO, R. **Raízes de Teresópolis: outras História e Outras Coisas 1500 – 2010**. Teresópolis: Zem, 2010.

MARIA, A. V.; SOARES, A. M. **O mal**. Como explicá-lo? São Paulo: Paulus. 2003.

OSCAR, J. **História de Teresópolis: Síntese Cronológica**. Teresópolis: Cromos, 1991.

PEREIRA, L. A. S. Falta de Planejamento Urbano e a Tragédia “Ambiental” no verão de 2011 em Teresópolis – RJ. In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana Ciência e Utopia: **Por uma Geografia do Possível**, 2011. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/8f2b39a8031af685e40899019202e4c3.pdf>>. Acesso em: 03 de maio de 2013.

POLLACK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PY, Fabio. Pedro do Araguaia x Pedro de Roma: projetos da igreja. **Caros Amigos**, 05 ago. 2013. Artigos e Debates.

SANTOS, I. M. F.. Teodiceia, Sociodiceia e Antropodiceia: O problema do sofrimento em Weber, Bourdieu e Berger. **Texto produzido para o Curso de Pós-Graduação Sociologia da Religião**, FFLCH-USP, 2003. 9p.

SOBRINO, J. **Onde está Deus?** São Leopoldo: Sinodal, 2007.

VALENCIO, N. Vivência de um desastre: uma análise sociológica das dimensões políticas e psicossociais envolvidas no colapso de barragens. In: VALENCIO, N.; SIENA, M.; MARCHEZINI, V.; GONÇALVES, L. C. (Orgs.). **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil.** São Carlos: Rima Editora, 2009.

*Recebido em 29/09/2014  
Aprovado em 02/02/2015*